

JOVENS IDOSOS E AS PERSPECTIVAS DE VIVÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA:

Cláudia Helena Rodrigues do Nascimento Freitas¹

Gabriela Machado Cafeiro²

RESUMO

As instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) estão presentes na história da humanidade como locais de assistência às pessoas idosas. No Brasil, essas instituições ocupam, historicamente, o lugar de um cuidado que emerge na ausência da família, muitas vezes com papéis filantrópicos e de caráter religioso. Atualmente, existem estruturas de alto padrão que oferecem uma diversidade de serviços voltados para os idosos. Com a perspectiva de que estas ILPIs sejam uma alternativa para os idosos que não possuem cuidadores familiares disponíveis, questionou-se de quais formas o idoso jovem, que possui idade entre 65 e 74 anos, percebe e lida com a perspectiva de morar em uma. Busca-se dessa forma, compreender como o idoso jovem lida com a possibilidade de morar em uma ILPI e o que eles conhecem acerca destas instituições, além dos motivos que os levariam a fazer essa opção. Este estudo é qualitativo e descritivo, realizado através de uma pesquisa de campo com nove idosos. Como resultados, percebeu-se que a maioria dos idosos conhece uma ILPI, tendo como referência os lares para idosos tradicionais. Os entrevistados consideram essa possibilidade de moradia, tendo como principais motivações: não dar trabalho à família, ter contato com pessoas da mesma idade e receber os cuidados adequados à sua saúde.

Palavras-chave: Jovens idosos. Instituições de longa permanência para idosos. Perspectivas. Lar para idosos.

ABSTRACT

Long-stay institutions for the elderly (LSIFTE) are present in human history as places of care for the elderly. In Brazil, these institutions occupy, historically, the place of a care that emerges in the absence of the family, often with philanthropic and religious roles. Currently, there are structures of high standard that offer a diversity of services for the elderly. With the perspective that these LSIFTEs are an alternative for the elderly who do not have family caregivers available, it was questioned which ways the young elderly aged 65 to 74 years, perceive it and deal with the perspective of living in one. In this way, it is sought to understand how the elderly young person deals with the possibility of living in an LSIFTE and what they know about these institutions, in addition to the reasons that would lead them to make this option. This study is qualitative and descriptive, carried out through a field research with nine elderly people. As results, it was noticed that most of the elderly know an LSIFTE, having as reference the traditional elderly homes. The interviewees consider this possibility of housing, having as main motivations: not to give work to the family, to have contact with people of the same age and to receive the appropriate care to their health.

KEYWORDS: Young Elderly. Long-Stay Institutions For The Elderly. Perspective. Home for Elderly.

¹ Graduada em Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. *E-mail:* claudiah.nascimento@yahoo.com.br

² Professora e Supervisora de estágio do Curso de Psicologia (Faculdade Ciências da Vida – FCV), Especialização em Área da Violência Doméstica contra criança e adolescente (USP) e Especialista em Psicologia Clínica: Formação Sistêmica em Terapia de Casal e Família. *E-mail:* facultade@vivenciarh.com.br

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a expectativa de vida do brasileiro, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) é de 76 anos de vida, sendo 72 anos para homens e 80 anos para as mulheres. É considerado idoso o indivíduo a partir dos 60 anos. No Brasil, assim como no mundo, o perfil demográfico tem mudado na direção de um envelhecimento da população. Há um aumento da quantidade de pessoas idosas graças aos avanços da medicina e tratamentos em saúde. Segundo o IBGE, o número de idosos em 2027 alcançará a marca de 38,5 milhões. Entre os idosos, são considerados idosos jovens aqueles que possuem idade entre 65 e 74 anos e apresentam maior funcionalidade (NAVARRO *et al.*, 2015). Porém, mesmos os idosos jovens apresentam necessidades inerentes a esta fase da sua vida.

A família nem sempre está preparada para suprir todas as necessidades que um idoso apresenta, encontrando nas ILPIs uma alternativa para a resolução desta questão. Diante da possibilidade de sair do seio da família e ir para uma instituição, os idosos podem apresentar novos sentimentos e comportamentos, como meio de lidar com a situação. Desta forma, este trabalho se justifica por buscar debater um assunto que vem se renovando com as novas possibilidades de lares para idosos que as instituições privadas oferecem, atraindo novos públicos. Além disso, há poucos estudos na área de psicologia que enfoquem a perspectiva do idoso jovem antes da institucionalização (BRITO; MOREIRA, 2018). Ele se mostra importante por buscar compreender a perspectiva dos idosos, principais afetados pelas mudanças. É relevante na medida em que pode auxiliar tanto a família, quanto os profissionais da área no manejo destes idosos, possibilitando assim, melhores e mais adequados tratamentos e cuidados.

Diante da possibilidade do acesso às ILPIs, cada vez mais ampliada, que oferecem serviços voltados para os idosos, questionou-se: de quais formas o idoso jovem percebe a instituição de longa permanência e lida com a perspectiva de morar em uma? Como pressupostos, acredita-se que nem todos os idosos conhecem a existência de uma ILPI e que os mesmos podem apresentar sintomas relacionados aos transtornos de ansiedade ao ter que deixar o seu lar. Ainda como pressupostos, considera-se que alguns idosos aceitam a ideia de ir para um lar de longa permanência, por se sentirem um fardo para a família e acharem que deste modo, estarão fazendo um bem para si mesmo e para sua família.

Para buscar a elucidação desta questão, este trabalho teve como objetivo geral compreender de quais formas o idoso jovem lida com a perspectiva de morar em uma ILPI. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer a funcionalidade das ILPIs; demonstrar o

conhecimento dos idosos acerca das ILPIs; identificar os principais fatores que levam os idosos a se mudarem para as instituições e o que eles esperam de uma ILPI. Para tanto, foi desenvolvido uma pesquisa de campo, qualitativa, descritiva e exploratória. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada realizada com nove jovens idosos. Para a análise dos dados, foi utilizado análise de conteúdo, conforme postulada por Bardin (2011).

Como resultados, pôde-se perceber que a maioria dos idosos conhece ou sabe o que é uma ILPI, e têm como referência os lares para idosos que já existem na cidade, como a Vila Vicentina, uma instituição de cunho assistencialista. Os idosos entrevistados já pensaram em algum momento da vida, morar em uma ILPI, quando ficarem mais velhos. Os principais motivos que os levaram a levantar esta possibilidade foram: não dar trabalho para a família, ter contato com pessoas da mesma idade e receber os cuidados adequados ao seu momento de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O IDOSO NO SÉCULO XXI

O envelhecimento é um processo presente em todos os seres vivos. Nos seres humanos ele se apresenta de modo distinto no desenvolvimento das alterações fisiológicas, cognitivas e patológicas, dependendo mais da qualidade e estilo de vida de cada indivíduo do que da idade cronológica e das classes sociais (ALVAREZ; SANDRI, 2018). O envelhecimento é um processo para o qual a sociedade precisa se preparar de modo a oferecer formas de acolher, dar segurança, acesso à saúde, além de inserir os idosos em atividades sociais para que eles se mantenham ativos e tenham uma velhice saudável (OLIVEIRA; SILVA; CONFORT, 2018).

Na antiguidade os idosos eram venerados, tidos como possuidores de sabedoria e merecedores de respeito e atenção. Com o passar dos séculos e o estabelecimento do culto ao corpo jovem, ser idoso passou a ser sinônimo de declínio social. Na era da industrialização a velhice se tornou sinônimo de incapacidade (BEAUVOIR, 1990). Isto se dá pela velhice ser percebida de forma negativa, pois o idoso diminui sua capacidade produtiva e assim é concebido, de acordo com o sistema capitalista, como inválido e socialmente incapaz (PROCÓPIO, 2018).

Para a mudança desta concepção, é necessário que o indivíduo jovem se reconheça no idoso, lembrando que o envelhecimento é parte de um ciclo que ele mesmo vivenciará

(BEAUVOIR, 1990). É necessário também que se criem alternativas socioambientais, psíquicas, afetivas, fisiológicas e de acesso à cultura (DEBERT, 2016). O idoso brasileiro do século XXI conta com leis que o amparam. O Brasil possui mecanismos legais sobre os direitos das pessoas idosas, sendo eles a Constituição Federal de 1988, a Política Nacional do Idoso (PNI) de 1994 e o Estatuto do Idoso de 2003 (BRASIL, 2003). Apesar dos dispositivos legais, a garantia e manutenção desses direitos nem sempre se fazem de modo efetivo (RIBEIRO, 2016; FALEIROS, 2016).

O Estatuto do Idoso preconiza o bem-estar dos idosos e destaca a importância da convivência social, do acesso à saúde e da garantia dos seus direitos (BRASIL, 2003). Desta forma, quando os idosos têm a possibilidade de participar ativamente de seu meio social, se integram e buscam desenvolver novas funções de acordo com suas possibilidades. Assim, o envelhecimento deixa de ser encarado como negativo, passando a ser uma fase ativa e com qualidade de vida (RANCURA *et al.*, 2016). Para que estes direitos sejam de fato vividos de forma plena, é necessário ir além das questões como o respeito e possibilidades de participação social. Para que a qualidade de vida do idoso seja garantida, aspectos urbanos devem ser observados, como adaptações que ofereçam transporte, opções de lazer e serviços de saúde que os atendam de forma integral (NAVARRO *et al.*, 2015).

Quanto aos idosos mais ativos, estes buscam a integração com os meios digitais e procuram aprender a lidar com as novas tecnologias, o que se converte em uma maior independência e aumento da comunicação com seus amigos e familiares (VERAS; OLIVEIRA, 2018). Esta busca auxilia ainda em uma estimulação cognitiva, que é uma excelente estratégia, pois o declínio cognitivo e a diminuição da memória na velhice são grandes desafios da terceira idade (VENÂNCIO *et al.*, 2018). Porém, mesmo com todas as inovações tecnológicas, estudos e conhecimentos sobre o envelhecimento saudável, os idosos também são vistos como um problema financeiro, tanto pelas questões de previdência quanto pelos gastos de saúde (MENDES, 2018).

Os idosos envelheceram em uma época na qual ocorreram mudanças muito bruscas na sociedade. A família como um modelo tradicional não é mais uma regra, os casamentos não se estabelecem com a garantia de duração e algumas famílias se constituem sem filhos. Todas estas mudanças trazem insegurança sobre o cuidado que os idosos receberão de seus familiares, pois a sociedade não os valoriza e a família nem sempre os acolhe de maneira adequada (PROCÓPIO, 2018). O cuidado com o idoso era um processo natural e esperado pelas famílias. Atualmente, com a diminuição dos filhos e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o

idoso deixou de ter um responsável direto na família. Em muitos casos, o cuidado é delegado a um cuidador ou a uma instituição (MENDES, 2018).

2.2 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Os cuidados aos idosos têm custos financeiros e também uma longa duração, necessitando de um empenho constante da família. As exceções ocorrem quando o idoso não possui família e fica a cargo do estado acolher, mas, via de regra, a família é a responsável por seus entes mais velhos. Quanto mais comprometida a saúde, maior o trabalho que a família terá (FALLER *et al.*, 2017). A maioria dos idosos que vão para os asilos não possui cônjuge, tem doenças crônicas e necessitam de apoio para a realização das atividades de vida diárias (AVD). Nos casos em que os idosos escolhem ir para uma ILPI, apresentam como motivos não querer sobrecarregar os familiares, não possuir ou não querer a presença de um cuidador ou não querer ficar sozinho (ARAÚJO; NETO; BÓS, 2016).

Alguns autores utilizam o termo ILPI para substituir o termo asilo (PROCÓPIO, 2018; GONÇALVES, 2019). Existem autores que nomeiam as ILPIs como instituições privadas que oferecem serviços de habitação e assistências que abarcam as necessidades de cuidado, saúde e socialização dos idosos. Além disso, possuem uma proposta de cuidado integrado, de modo a promover uma velhice mais tranquila, independente e com maior qualidade de vida (COELHO; ABREU, 2018).

Inicialmente, as ILPIs surgiram como instituições de caridade, asilares e filantrópicas, e ainda existem em maior número no país, quando comparadas ao número de ILPIs privadas, que surgiram posteriormente (GONÇALVES, 2019). Atualmente, a oferta de ILPIs privadas vem crescendo no Brasil, principalmente das ILPIs de alto padrão (CAMARANO; BARBOSA, 2018). Elas substituem a família, no que diz respeito aos cuidados e também no convívio social e afetivo. Em países como a França, a ida do idoso para uma instituição é vista como algo positivo, uma vez que estas instituições oferecem um suporte dedicado às necessidades dos idosos (FALLER *et al.*, 2018).

Uma ILPI busca atender não só ao idoso, mas acolhe também a família no sentido de dar segurança no processo de inserção do idoso e de sua adaptação. Mesmo em uma ILPI, as famílias experimentam um sentimento de culpa e preocupação ao deixar o idoso sem a presença constante de um familiar. A ILPI oferece aos idosos um ambiente propício para a sociabilidade ao mesmo tempo em que promove a individualidade, alimentação e instalações físicas

adequadas, cuidados médicos e monitoramento. As ILPIs devem ter uma equipe de saúde, porém, não devem ser um hospital, pois seu papel não é estabelecer um ambiente de tratamento, mas sim de cuidado (MENDES, 2018).

No caso de uma ILPI acolher um idoso, o estatuto do idoso preconiza algumas obrigações, como o contato com os familiares, atividades comunitárias, preservação da identidade e atendimento de acordo com as necessidades especiais (BRASIL, 2003). De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2005), uma ILPI deve proporcionar assistência integral aos idosos, oferecendo moradia e não possuir caráter de detenção, ou seja, o idoso deve gozar de sua liberdade.

A forma como o idoso vai lidar com uma possível ida a uma ILPI vai depender de sua subjetividade, que é o resultado da formação do indivíduo, com influência de sua cultura e de seu contexto histórico. Sua construção depende das práticas discursivas e condutas de controle e poder, que são internalizados e se transformam em subjetividade (FOUCAULT, 1984), levando em conta que em muitos casos o idoso mora em uma ILPI por falta de opção (COELHO; ABREU, 2018). Dependendo da forma como ele compreende o ambiente, sua perspectiva pode ser positiva ou negativa.

2.3 A VIDA DO IDOSO NAS INSTITUIÇÕES

A entrada do idoso numa ILPI geralmente ocorre por questões complexas, não sendo adequado generalizar ou relacionar esta decisão ao abandono familiar. O desafio cultural com que o brasileiro se depara é o de que os filhos devem cuidar dos pais idosos. Nesse sentido, as instituições estão ligadas ao conceito de abandono. As ILPIs são vistas tanto como um lugar de cuidado como de desamparo e aprisionamento, mas, por outro lado, oferecem uma nova oportunidade de socialização, respeito e atenção direcionada às necessidades do idoso (FALLER *et al.*, 2017).

O cuidado na transição do lar para uma ILPI é muito importante, pois pode impactar principalmente na saúde psicológica do idoso. Atualmente, o perfil dos residentes em ILPIs é composto em sua maioria por idosos mais velhos, dependentes e mulheres. Isto se dá pela longevidade da mulher ser maior que a dos homens. Com o avanço da idade as capacidades funcionais se tornam comprometidas. Quando uma ILPI não tem um leque de atendimento diversificado para as variadas demandas, os idosos passam a ter suas necessidades não

atendidas. No entanto, a tendência é que essas instituições passem a oferecer uma diversidade de serviços e formas de atendimento (GONÇALVES, 2019).

A velhice quando vista de maneira negativa pode gerar sintomas relacionados aos transtornos depressivos que, aliados ao sentimento de afastamento da família e a perda de direitos, como o direito de ter planos e projetos, torna esta fase da vida ainda mais difícil e triste (PROCÓPIO, 2018). Desta forma, é comum que os idosos, quando inseridos em uma ILPI, cheguem receosos, porém, a proposta de trabalho e acolhimento da ILPI favorece para auxiliar no aumento da liberdade e da qualidade de vida dos idosos, trazendo benefícios para sua saúde psicossocial (MENDES, 2018). Por isso, é necessário um planejamento que acolha e dê condições para que estes idosos vivam de forma confortável, pois o modo como o idoso percebe o ambiente no qual está inserido é um fator determinante para que ele se sinta amparado e seguro (NAVARRO *et al.*, 2015).

Numa pesquisa realizada com 10 idosos observou-se que os idosos ficavam satisfeitos com o mínimo que a instituição oferecia, mesmo não tendo serviços de excelência. O fato de ter habitação, alimentação, atenção e cuidado, se tornava suficiente para que se sentissem satisfeitos. A religiosidade, neste cenário, é destacada como um fator positivo e de conforto para os idosos (COELHO; ABREU, 2018). Porém, o idoso brasileiro prefere viver em família a ir para um asilo, que tem significado de abandono (FALLER *et al.*, 2017).

Existem críticas a algumas ILPIs, pois, quando são construídas partindo do princípio que o idoso não é capaz e autônomo, acabam promovendo uma rotina repetitiva e aquém das necessidades dos idosos mais ativos. Neste caso, os idosos podem ser tornar sedentários e apáticos e a ausência dos familiares pode contribuir para o aparecimento de morbidades e desenvolvimento de sintomas dos transtornos depressivos. Um cronograma rígido impacta a autonomia do idoso, uma vez que eles não podem escolher suas atividades nem seus horários. Em alguns casos, o salário do idoso é vinculado à ILPI, ou seja, quanto melhor o status financeiro do idoso, melhor a oferta de serviço da instituição. Quando é o caso em que a ILPI administra o dinheiro do salário do idoso, diminui a sua independência, uma vez que ele passa a não ter controle de seus proventos (COELHO; ABREU, 2018).

3 METODOLOGIA

Este trabalho se classifica como uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória e qualitativa, pois, pretendeu-se compreender as formas como o idoso jovem percebe uma

instituição de longa permanência e como lida com a perspectiva de morar em uma. A classificação como qualitativa se dá devido à busca de respostas que não podem ser mensuradas, como os sentimentos dos entrevistados. Foi utilizado método indutivo, que considera um número de casos particulares para buscar explicações gerais (GIL, 2008).

Foram convidados 10 idosos da cidade de Sete Lagoas que possuem a idade entre 65 a 74 anos. Responderam a esta entrevista nove deles. Como critério de inclusão, os idosos deveriam estar dentro da faixa etária proposta e estarem lúcidos e o critério de exclusão foi apresentar algum grau de demência. O acesso aos entrevistados se deu por conveniência, sendo utilizado o método de bola de neve, onde um participante indica outro, para se conseguir o total da amostra desejada (DEWES, 2013).

Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada para coletar informações acerca do conhecimento dos idosos sobre as ILPIs, sua perspectiva diante da possibilidade de ir morar em uma e as formas como eles lidam com essa perspectiva. O contexto de pandemia da COVID-19 não possibilitou a execução de entrevistas presenciais. Assim, as entrevistas foram realizadas por meio de ligações telefônicas, com média de 20 minutos cada uma, sendo gravadas e posteriormente transcritas. A todos os participantes foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes do início da entrevista, respeitando assim os procedimentos éticos.

A análise de dados foi realizada através da análise de conteúdo, que conforme proposto por Bardin (2011), se deu pela análise do material em um primeiro momento, de forma a conhecer os resultados. Foi realizada uma leitura aprofundada e em seguida, os resultados foram apresentados em forma de categorias. Esta forma de análise de conteúdo é muito utilizada em pesquisas qualitativas, pois permite o aprofundamento da análise dos dados pelo pesquisador (LEITE, 2017). Após a análise, as seguintes categorias foram criadas: o conhecimento dos entrevistados sobre as ILPIs; a perspectiva de ir morar em uma ILPI e a ILPI como um lugar de socialização e cuidado ao idoso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra deste artigo se deu com nove idosos, sendo um homem e oito mulheres, com idades que variaram entre 65 e 74 anos. A média de idade dos participantes foi de 69 anos. Entre eles, seis são casados, uma é viúva, uma é solteira e uma é divorciada. A maioria possui filhos, variando entre dois e cinco filhos. Os nomes utilizados para a apresentação dos

resultados foram escolhidos pela pesquisadora para manter a privacidade dos participantes, sendo, deste modo, fictícios. As profissões variaram, bem como a escolaridade, conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1: perfil dos participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Sexo	Profissão	Escolaridade	Estado civil	Quantidade de filhos
Luísa	74	Feminino	Bordadeira	Ensino médio	Viúva	5
Ronei	73	Masculino	Fazendeiro	Ensino fundamental incompleto	Casado	4
Marta	69	Feminino	Aposentada	Ensino médio incompleto	Casada	4
Mary	69	Feminino	Do lar	Ensino fundamental incompleto	Casada	4
Lara	66	Feminino	Auxiliar de escritório	Ensino médio completo	Casada	2
Nair	65	Feminino	Engenharia florestal	Mestrado	Divorciada	3
Sueli	65	Feminino	Administradora de empresas	Superior completo	Casada	2
Rubi	74	Feminino	Professora	Superior completo	Solteira	0
Carla	65	Feminino	Pedagoga	Pós-graduada	Casada	3

Fonte: dados da pesquisa

Todos os entrevistados declararam se sentir bem e apresentaram sentimentos de felicidade em relação à velhice, vista por eles como um processo natural da vida. Porém, surgiram relatos de insegurança e estranhamento em relação a esta fase da vida, espanto com o avanço da tecnologia e preocupação com as limitações físicas, comumente presentes nessa idade. Este resultado vai de encontro com o estudo de Colussi, Pichler e Grochot (2019), no qual demonstrou que os idosos percebem seu envelhecimento de modo positivo, apesar das preocupações naturais da idade com as questões físicas e dos cuidados que merecem atenção especial nesta fase. Veras e Oliveira (2018) relatam que alguns idosos jovens buscam conhecer as novas tecnologias e isso auxilia em seu envelhecimento cognitivo saudável, pois estimula o interesse em novas descobertas e amplia a comunicação do idoso, diminuindo seu isolamento.

4.1 O CONHECIMENTO DOS ENTREVISTADOS SOBRE AS ILPIs

No Brasil, ainda são mais comuns as ILPIs filantrópicas, apesar do crescimento do investimento do setor privado em outras instituições, que ainda são vistas como novidade no país. Conforme observado nas entrevistas, seis deles conhecem o que é uma ILPI e têm alguma noção de seu funcionamento. Todos que afirmaram conhecer uma ILPI têm a Vila Vicentina, uma entidade filantrópica de Sete Lagoas, como referência.

“Já estive na Vila Vicentina para ver como funciona e reservar uma casinha para mim (risos). Quando eu estiver uma mala sem alça, vou para lá. Já conversei com várias pessoas lá, sobre a minha vontade de ir quando eu ficar idosa.” (Luisa)

“Não conheço, nunca fui em uma ILPI.” (Ronei)

“Eu conheço algumas, e conheço bem a Vila Vicentina. Inclusive, tenho uma amiga arquiteta que me falou sobre um projeto que já existe na Europa, de vilas para idosos, que me deixou muito interessada. São condomínios onde as casas têm infraestrutura voltada para o idoso e espaços em comum.” (Nair)

“Não conheço nenhuma ILPI.” (Lara)

A Vila Vicentina é referência de ILPI na cidade de Sete Lagoas, informado pela maioria dos entrevistados. Esse modelo de ILPI, muito difundido no Brasil, era antes denominado asilo, devido ao seu caráter de ligação religiosa e assistencialista. Existem em maior número, quando comparadas às instituições privadas (GONÇALVES, 2019). Na Europa, estas são vistas como um local ideal para o idoso viver, por oferecer um suporte especializado às suas necessidades (FALLER *et al.*, 2018).

Os entrevistados que declararam ter conhecimento acerca de uma ILPI, ao serem questionados se compreendem o funcionamento da mesma, consideraram conhecer a estrutura, principalmente por ter contato ou conhecer algum idoso que mora ou morou em uma ILPI. Sobre estes contatos, todos declararam a experiência como positiva, conforme pode ser observado nas falas abaixo:

“Já sei como funciona tudo lá dentro. Acho que é uma vida boa. Tem as casinhas para quem tem autonomia e dá conta de fazer as coisas, mas faz suas refeições no espaço comum e tem os ambulatórios para quem está debilitado. Já conversei com várias pessoas na Vila Vicentina, sobre a minha vontade de ir para lá quando eu ficar idosa.” (Luisa)

Conheço o tio do meu marido, que não casou, não teve filhos e os irmãos pagaram para ele ir para uma instituição. Para ele foi bom. Tinha notícias de que era muito bem tratado. Para ele foi muito bom, ele gostava de lá. Eu acho que é bom ficar num lugar

assim, onde a família vai visitar, sabendo que está bem olhado. Eu acho muito bom, não tenho dúvida nenhuma disso, sabe? (Mary)

Tem uma pessoa aos meus cuidados, morando lá na Vila Vicentina. Ela mora há 5 anos lá. Ela foi muito relutante no início, com receios de ficar isolada, mas hoje ela sabe que foi a melhor decisão que ela tomou, pois é bem cuidada e assistida em tudo que precisa. Além disso, lá acontecem muitas festas, comemorações que trazem alegria para ela. (Nair)

Conheço um amigo, que gosta muito da ILPI que vive. (Rubi)

Estas falas demonstram que as ILPIs conhecidas pelos entrevistados se mostraram satisfatórias para seus idosos, assim como demonstrado por Coelho e Abreu (2018) em seu estudo, no qual os idosos se mostraram satisfeitos com o funcionamento da ILPI. Mendes (2018) destaca que é comum que os idosos, no início de sua inserção em uma ILPI, fiquem receosos por estarem indo para um local novo, fora de sua rotina, afastados de sua família. Após se integrarem à rotina e receberem os cuidados, socialização e acompanhamento profissional, os idosos tendem a melhorar sua qualidade de vida e a saúde psicossocial.

Uma das participantes que afirmou não conhecer o funcionamento de uma ILPI, disse que é um local onde a equipe tem muito trabalho com o idoso, pois é um cuidado que demanda tempo. Esta afirmação se deu, influenciada pela história paterna, na qual o pai com Alzheimer demandou muita atenção da família aos seus cuidados, o que fez com que ela associasse a velhice com a necessidade de cuidado intenso. Essa associação acabou por fazê-la pensar em também ir morar em uma ILPI, para não sobrecarregar a família em sua velhice.

“Não tenho muito conhecimento do lugar, mas acho bom. Porque todo mundo trabalha e cada um tem sua obrigação e é muito difícil cuidar de um idoso. O trabalho e a dificuldade de cuidar de um idoso, me faz pensar assim. Eu vi todo o trabalho que o meu pai deu quando teve Alzheimer. Minhas irmãs que cuidaram e pesa muito para a pessoa que olha. Quem cuida sofre muito, ocupa muito a família, sabe? Acho que é difícil para os cuidadores, porque a pessoa fica meio sem sentido, só dá trabalho.” (Mary)

Os idosos, à medida que ficam mais velhos, possuem mais necessidade de cuidados e, quando apresentam alguma doença crônica, essa necessidade aumenta. Desta forma, conforme destacam Marins, Hansel e Silva (2016), a sobrecarga do cuidador de um idoso com Alzheimer é muito grande. Faller *et al.* (2017) acrescenta que o tempo e os gastos voltados ao cuidado de idosos fica a cargo da família, principalmente quando sua saúde é comprometida por longo período de tempo. Assim, ao viver esta experiência, a entrevistada vê na ILPI uma solução para não sobrecarregar sua família.

4.2 A PERSPECTIVA DE IR MORAR EM UMA ILPI

Historicamente, segundo Mendes (2018), existe uma cultura de responsabilidade de cuidados aos idosos pelos familiares, principalmente pelas filhas mulheres. Atualmente, com as mudanças na estrutura familiar, que variam desde a diminuição da quantidade dos filhos ou sua inexistência e a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, a presença de um cuidador ou a ida para uma ILPI apresenta-se como uma opção. A perspectiva de morar em uma ILPI se mostrou positiva para a maioria dos entrevistados, pois seis entrevistados afirmaram ter pensado nesta possibilidade. As maiores motivações estão no fato de não desejar se tornar um fardo para a família ou não ficar sozinhos. Eles percebem como vantagens a questão de se socializar com pessoas da mesma idade, o fato de ter atividades voltadas para sua idade, além da assistência médica especializada para suas necessidades.

“Acho bem normal a hipótese de vir a morar lá. Para mim, ir para uma ILPI é uma coisa bem natural, não me traz nenhum desconforto, mas acredito que tem pessoas que acham muito difícil pensar sobre isto.” (Luísa)

“Fico tranquila com a ideia. Penso nisso, pelo fato de a vida moderna ser tão agitada, todos têm menos tempo para ficar em casa, e os filhos têm suas vidas para aproveitar, então, creio que entre ficar com uma cuidadora ou ir para uma ILPI, prefiro a segunda opção.” (Sueli)

“Eu iria por companhia.” (Carla)

Os maiores receios relativos a uma possível ida para uma ILPI se mostraram em torno do temor do abandono da família, da perda da liberdade e da insegurança de não conhecer previamente o local.

“Uma insegurança por ser algo desconhecido, então acho que teria que me acostumar com a ideia.” (Marta)

“Sentiria abandonada pela família.” (Lara)

“Para mim, considero uma prisão. Porque gosto de passear, ir a festas e frequentar as casas dos parentes e amigos.” (Rubi)

O fato de os entrevistados pensarem em ir para uma ILPI para não sobrecarregar a família é corroborado por Araújo, Neto e Bós (2016), ao afirmar que este é um dos maiores motivos dos idosos buscarem uma ILPI por vontade própria. Porém, conforme afirma Faller *et al.* (2017), a cultura do brasileiro em relação ao cuidado com o idoso ainda é fortemente ligada à responsabilidade por um membro da família. Além disso, a ida de um idoso para uma ILPI

geralmente é vista como abandono, além de um local de aprisionamento. Assim, quando perguntados se já conversaram com seus familiares sobre sua possível ida para uma instituição, somente uma das entrevistadas disse já ter explicitado sua vontade, mesmo diante da resistência da família. Outra participante tentou conversar sobre o assunto, mas a família se mostrou receosa, adiando então a conversa sobre essa possibilidade. Estes fatos demonstram como a ida do idoso para uma ILPI ainda é um tabu.

“Quando eu falo aqui em casa, todos acham um horror o fato de eu ir para uma ILPI.”
(Luisa)

“Eu que iniciei uma conversa com meus filhos uma vez e eles foram relutantes, então, adiei a conversa, para não apressar as coisas.” (Nair)

Segundo Beauvior (1990), a concepção de resistência frente à terceira idade pode ser transformada a partir do momento que os jovens percebam que também vivenciarão a velhice, sendo assim, tenham um olhar empático para entender melhor as decisões e necessidades de um idoso. Ainda sobre a ida do idoso para uma ILPI ser vista como abandono familiar, Faller *et al.*, (2017) pontua que as questões que levam um idoso a morar em uma ILPI são complexas, pois é uma decisão que envolve toda a família.

4.3 ILPI COMO UM LUGAR DE CUIDADO AO IDOSO E DE SOCIALIZAÇÃO

A percepção geral dos entrevistados acerca de uma ILPI é que, são locais de cuidados especializados e adaptados às necessidades de uma pessoa idosa; tanto pelas questões médicas e assistenciais quanto pelas questões de convívio social. Consideram que mesmo que a família não faça visitas frequentes, eles não estarão sozinhos ou isolados, sendo assim, considerada uma boa alternativa. Um dos principais pontos levantados por eles é a questão da convivência com a mesma faixa etária, visto como positiva, conforme pode ser verificado nas falas abaixo:

“Quando eu fazia visitas na Vila Vicentina, as pessoas com quem conversei disseram que gostavam de morar lá, melhor que ficar em casa, sozinhas e desprezadas pela família. Eu acho que as pessoas que vão para lá, procuram a turma delas, porque o papo é do tempo delas.” (Luisa)

“A gente tem que procurar a turma da gente, da época da gente e lá tem as pessoas da mesma idade, com os mesmos interesses. Tem os cuidados necessários a um idoso, médicos, enfermeiras, tudo que um idoso precisa tem lá, uma equipe treinada para atender às necessidades dos idosos, roupa lavada e passada, comida prontinha e nos momentos de lazer têm uma boa interação. Acho que numa ILPI terei companhia, terei cuidados adequados e atividades voltadas para minha fase.” (Sueli)

“Imagino que tenha uma rotina de horários.” (Sueli)

“Lá tem uma estrutura muito boa, as pessoas muito zelosas e acolhem bem os idosos. Principalmente o convívio e a oportunidade de ter pessoas com os mesmos interesses e necessidades. É uma boa solução para idosos que não têm como se manter sozinhos.” (Nair)

Rancura *et al.* (2016) afirma que quando o idoso tem contato com outras pessoas e pode buscar novos desafios, o envelhecimento é encarado como uma fase positiva e sua qualidade de vida tende a aumentar, uma vez que expande seu meio social. Pereira *et al.* (2016) demonstra ainda, que a socialização entre os idosos é importante, pois auxilia no aumento da autoestima e da segurança frente às situações adversas.

Sobre a questão do cuidado, Mendes (2018) afirma que uma ILPI deve atender às necessidades do idoso, porém não se deve confundir a assistência dos cuidados com sua saúde com hospitalização. Uma ILPI, apesar de oferecer atendimento médico e assistência de enfermeiros, não é um hospital. Os serviços oferecidos na instituição devem abranger uma atenção que vá além da saúde física, incluindo a participação da família, sempre que possível.

Entre os entrevistados dois entre os nove declararam que uma ILPI deve ser um local que, além dos cuidados com a saúde deve ser um local bonito, de acolhimento e dignidade. Além disso, que não explorem economicamente os idosos, pois a terceira idade deveria ser mais valorizada pelos seus feitos e ter momentos de alegria, em vez de viver só de lembranças.

Precisa ser um lugar bonito e alegre porque a velhice é um período em que se vive de lembranças. (Carla)

A ILPI é mantida pelo salário dos internados, então o governo deveria olhar por estas entidades, porque estas pessoas já fizeram muito no passado, na sua jovialidade. (Rubi)

Coelho e Abreu (2018) apontam que, ao contrário das ILPIs particulares que cobram um valor pré-estabelecido, em alguns casos as ILPIs de caráter assistencialista, como a Vila Vicentina, parte do salário do idoso é retida como forma de auxílio pelos serviços prestados. Os autores apontam que, apesar de estas instituições ajudarem os idosos, o fato de reter o salário ou parte dele diminui sua independência, pois acabam por perder a autonomia financeira.

Oliveira, Silva e Confort (2018) apontam que não só as ILPIs, mas toda a sociedade deve se organizar para que os idosos tenham um envelhecimento digno e saudável. Não só pelas suas realizações durante a juventude, mas porque todos os seres humanos têm direito a uma vida com dignidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender como alguns jovens idosos da cidade de Sete Lagoas-MG percebem a instituição de longa permanência e lidam com a perspectiva de morar em uma. De acordo com os resultados, o pressuposto em relação ao desconhecimento dos idosos acerca da ILPI não se mostrou correto, uma vez que apenas três dos nove entrevistados responderam não conhecer. Ainda assim, reforça-se a importância de estudos e da divulgação da existência de ILPIs, pois, ao conhecer sua proposta e seu funcionamento, os indivíduos poderão ter uma opção de cuidado e socialização para escolher onde viver a sua velhice. Quanto ao pressuposto de ansiedade ao pensar em ir para uma ILPI, este estudo demonstrou que os idosos que conhecem o funcionamento de uma instituição não se sentem ansiosos e consideram a possibilidade de ir morar em uma ILPI com tranquilidade. Essa tranquilidade é motivada por acharem que estarão fazendo um bem para a família, de forma a não sobrecarregá-los com os cuidados, o que confirma o último pressuposto desta pesquisa.

Um dado importante foi a convivência entre pares como motivo de os idosos pensarem em ir para uma ILPI. Este fato demonstra a necessidade de socialização nesta fase e também infere sobre as questões de solidão do idoso na cultura ocidental. Idosos que ficam em casa, acabam por ter menos contatos sociais, o que pode deixá-los isolados principalmente quando tem problemas de mobilidade.

Este estudo demonstrou que, aqueles que conhecem uma ILPI consideram uma boa alternativa para viver a velhice, pois é um lugar de cuidado e sociabilidade, que são pontos importantes para a manutenção da sua saúde física e psicossocial. Ainda, demonstrou que os tabus que cercam este assunto estão presentes, como a família ser a responsável pelo cuidado dos idosos e estes cuidados serem considerados um fardo.

Esse estudo não contou com a possibilidade da entrevista presencial devido à pandemia da COVID-19, que foi a grande dificuldade dessa pesquisa. Como limitação, buscou-se estudar a perspectiva dos idosos acerca das ILPI, sem abranger seus familiares. Desta forma, sugere-se para futuras pesquisas, que os familiares dos idosos também sejam entrevistados para que se tenham outras perspectivas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução no. 283, de 26 de setembro de 2005.** Aprova o regulamento técnico que define normas de funcionamento para

as Instituições de longa permanência para idosos, de caráter residencial. Brasília: Diário Oficial da União. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_283_2005_COMP.pdf/a38f2055-c23a-4eca-94ed-76fa43acb1df>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

ALVAREZ, A. M.; SANDRI, J. V. A. O envelhecimento populacional e o compromisso da enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 2, p. 722-723, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000800722&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 18 de abr. 2020.

ARAÚJO, A. M.; SOUSA NETO, T. B.; BÓS, A. J. G. Diferenças no perfil de pessoas idosas institucionalizadas, em lista de espera e que não desejam institucionalização. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 105-118, Fev. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt_1809-9823-rbgg-19-01-00105.pdf>. Acessos em: 20 de mai. 2020.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. 70ª ed. São Paulo, 2011

BRASIL, Lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso Brasília**, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acessos em: 18 de abr. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRITO, S. S.; MOREIRA, P. C. Revisão integrativa sobre o envelhecimento em Instituições de Longa Permanência: Reflexões fenomenológico-existenciais. **Revista IGT na Rede**, v. 15, nº 28, p. 50 – 75, 2018. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=636>>. Acessos em: 18 de abr. 2020

CAMARANO, A. A.; BARBOSA, P. **Instituições De Longa Permanência Para Idosos No Brasil: do que se está falando?** In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Orgs.). Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016 (p.479-514). Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9146>>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

COELHO, P. F. C.; ABREU, N. R. Qualidade de Vida Subjetiva em Instituições de Longa Permanência para Idosos. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 69-88, set. 2018. ISSN 2178-0080. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/rad/article/view/37189>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

COLUSSI, E. L.; PICHLER, N. A.; GROCHOT, L.. Percepções de idosos e familiares acerca do envelhecimento. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, e180157, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232019000100209&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 06 de out. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180157>.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. **Anais**, n. VI, p. 537-556, 2016. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/451/437>>. Acessos em: 19 de maio. 2018.

DEWES, J. O.. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição dos métodos. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estatística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

FALLER, J. W.; ZILLY, A.; ALVAREZ, A. M.; MARCON, S. S.. Cuidado filial e o relacionamento com o idoso em famílias de diferentes nacionalidades. **Rev. Bras. Enferm.** [online]. 2017, vol.70, n.1, pp.22-30. ISSN 1984-0446. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0050>>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

FALEIROS, V. P. **A Política Nacional do Idoso em Questão**: Passos e Impasses na Efetivação da Cidadania. In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Orgs.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016 (p.537- 569). Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9148/1/A%20Pol%c3%adica%20nacional%20do%20idoso.pdf>>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: editora Atlas S.A. 2008.

GONÇALVES, M. E. A. **Processos de significação de idosos sobre sua transição do lar para instituições de longa permanência (ILPI)**. (Dissertação) 126 f. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, abril, 2019. Disponível em: <<https://attena.ufpe.br/handle/123456789/34442>>. Acessos em: 12 de abr. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos>>. Acessos em: 12 de mai. 2020.

LEITE, R. F.. A perspectiva da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: algumas considerações. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 539-551, dez. 2017. ISSN 2525-8222. Disponível em: <<https://ojs.netlink.com.br/index.php/rpq/article/view/129>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

MARINS, A. M. F.; HANSEL, C. G.; DA SILVA, J. Mudanças de comportamento em idosos com Doença de Alzheimer e sobrecarga para o cuidador. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.

20, n. 2, p. 352-356, junho 2016. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200352&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 06 de out. 2020.
<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160048>.

MENDES, A.F. **Avaliação da estratégia do Oceano Azul sobre decisão de investimento em instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) de alta renda na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado) - Fundação Getulio Vargas. FGV. Rio de Janeiro, 2018. 77 f. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/24451>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

NAVARRO, J. H. N.; ANDRADE, F. P.; PAIVA, T. S. SILVA, D. O.; GESSINGER, C. F.; BÓS, A. J. G. Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 461-470, Feb. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000200461&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de abr. 2020

OLIVEIRA, A. S.; SILVA, V. C. L.; CONFORT, M. F.. Benefícios da estimulação cognitiva aplicada ao envelhecimento. **Episteme Transversalis**, [S.l.], v. 8, n. 2, abr. 2018. ISSN 2236-2649. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/index.php/episteme/article/view/866>>. Acesso em: 25 de mai. 2020.

PEREIRA, M. C. A.; SANTOS, L. F. S.; MOURA, T. N. B.; PEREIRA, L. C. A. LANDIM, M. B. P. Contribuições da socialização e das políticas públicas para a promoção do envelhecimento saudável: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, vol. 29, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 124-131. Universidade de Fortaleza. Fortaleza-Ceará, Brasil. Disponível em:
<<https://www.redalyc.org/pdf/408/40846964017.pdf>>. Acesso em: 25 de mai. 2020.

PROCÓPIO, L. R. B. **Centro-Dia para idosos: relações de amizade e valorização das memórias**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe. 239f. São Cristovão-SE, 2018. Disponível em: <<https://www.acervo.ufs.br/handle/riufs/10104>>. Acessos em: 15 de abr. 2020.

RANCURA, K. G. O.; OLIVEIRA, L. R.; TORICELLI, B.; MARTIINS, C.; BISSA, C. H. A. Contribuições do projeto de Educação Ambiental “Clube Tetéia” da Fundação Parque Zoológico de São Paulo para o envelhecimento ativo e a inclusão social de idosos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 11, n. 4, p. 269-288, 2016. Disponível em <<http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/4857>> Acessos em out. 2018.

RIBEIRO, P. R. O. **A Judicialização das Políticas Públicas: A Experiência da Central Judicial do Idoso**. In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Orgs.). Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. (p. 379- 396). Disponível em:
<<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9129/1/A%20Judicializa%C3%A7%C3%A3o%20das%20pol%C3%ADticas.pdf>>. Acessos em: 20 de mai. 2020.

VENÂNCIO, P. E. M. et al. Memória de indivíduos com mais de 50 anos praticantes de exercícios físicos e não praticantes. **RBPFE**X-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v. 12, n. 73, p. 191-197, 2018. Disponível em <<http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/1362>> Acesso em out. 2018.

VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: A construção de um modelo de cuidado. **Ciênc. Saúde colet.** 23 (6) jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.